

INVENÇÃO E PRODUÇÃO DE ENCONTROS NO TERRITÓRIO DA DIVERSIDADE: CARTOGRAFIA DE UM SERVIÇO-DISPOSITIVO

Juliana M. Padovan Aleixo

Resumo: Trazemos à cena a experiência de um Centro de Convivência de Campinas, evidenciando sua constituição histórica, política e sua produção enquanto equipamento/dispositivo que compõe a rede psicossocial, orientado por diretrizes da Reforma Psiquiátrica, SUS e Atenção Psicossocial, dialogando com práticas nos campos das artes, da cultura e lazer. O Centro de Convivência é nosso campo e sua produção nosso principal objeto de interesse, assim como, colocar em análise suas produções híbridas num território de múltiplos, no plano dos encontros. Estamos trabalhando com a pesquisa-intervenção e com a cartografia. Produções que se apresentam em práticas que se estabelecem a partir de encontros abertos, devires em experimentação, clínica em movimento, onde as ações instituintes inauguram o vir a ser de um serviço-dispositivo que se coloca estrategicamente à margem, na fronteira, borrando as margens formais de relação dadas. Criando-se nessa hibridização, desvios que não se acomodam mais nas padronizações formais das ações tradicionais nos campos descritos.

Palavras-chave: Clínica; arte; atenção psicossocial.

Narrativas de um itinerário em construção...

Trazemos à cena a experiência de um Centro de Convivência de Campinas, evidenciando sua constituição histórica, política e sua produção enquanto equipamento/dispositivo que compõe a rede psicossocial, orientado por diretrizes da Reforma Psiquiátrica, SUS e Atenção Psicossocial, dialogando com práticas nos campos das artes, da cultura e lazer. O Centro de Convivência é nosso campo e sua produção nosso principal objeto de interesse, assim como, colocar em análise suas produções híbridas num território de múltiplos, no plano dos encontros. Estamos trabalhando com a pesquisa-intervenção e com a cartografia.

Produções que se apresentam em práticas que se estabelecem a partir de encontros abertos, devires em experimentação, clínica em movimento, onde as ações instituintes inauguram o vir a ser de um serviço-dispositivo que se coloca estrategicamente à margem, na fronteira, borrando as margens formais de relação dadas. Criando-se nessa hibridização, desvios que não se acomodam mais nas padronizações formais das ações tradicionais nos campos descritos.



Plano de produção dos encontros: Forças em agenciamento

Produções Híbridas: Arte, Cultura e Clínica

No cotidiano das práticas do Centro de Convivência, construídas na interface com o universo da arte, cultura, práticas integrativas, práticas de lazer, nos deparamos frequentemente com experimentações estéticas que se alargam do campo da saúde, arte e cultura tradicionais.

Práticas que atravessam a fronteira que delimitam esses campos e se conectam, agenciando-se hibridamente, num novo campo de difícil nomeação, onde a arte se encontra com essas pessoas-margem que acessam o território do Centro de Convivência. Momentos estéticos, onde subjetividades em obra possam construir-se a si mesmas, configurando e dando forma ao caos e às rupturas de sentido que, muitas vezes as habitam (Lima, 2006, p. 322).

Experiências-limite rejeitadas em alguma medida pelos campos instituídos da arte, da cultura, da saúde. Experiências de criação que se fazem sobre uma linha fronteira. Fragmentos estéticos ou performances que não podem ser reproduzidos e constituem momentos privilegiados em que arte, saúde, loucura e precariedade se conectam, colocando em xeque os limites entre arte e não arte, entre arte e vida, arte e clínica. (Lima, 2006, p. 325).



Situações estéticas, artísticas, podem se apresentar enquanto momentos clínicos de intensidade ímpar, onde não podem ser repetidos, mas que têm a potência de provocar intensas transformações subjetivas, ampliando a capacidade de alguém em ser afetado, sensibilizado, potencializando a vida.

Assim, notamos um território intenso de produções híbridas do Centro de Convivência. Um constante caminhar entre uma região fronteira na qual arte, cultura e clínica estão implicadas em suas conexões, em suas dissonâncias, gerando um espaço de tensões que provoca desestabilização entre os campos.

Vemos como desafio não reduzir essas produções a nenhum dos campos tradicionais, procurando encaixá-los, dando lugares mais facilmente legitimados e reconhecidos. Mas manter aberta a tensão que essas produções instauram entre elas. Vivenciar o incerto, o

inacabado, o transitório, o efêmero, que comporte as desterritorializações e os desequilíbrios dos sujeitos dos quais se conecta.

O sentido aqui é o de encontrar ferramentas para recomposição, reterritorialização de universos existenciais e para uma produção mutante de enunciação.

Produções imateriais: Grupo de Dança

Numa chuvosa tarde de quinta, Maria chega timidamente ao grupo de dança do ventre que já havia iniciado. Começamos aquecendo em roda, alongando, nos apresentando, ocupando pouco a pouco a pequena sala do Centro de convivência. Convido-a para entrar na roda, me apresento. O sorriso envergonhado, o corpo desajeitado, o olhar firme, curioso, procurando outros olhares, outros corpos, ajeitando-se ao lado de outras mulheres, outras Marias presentes no grupo. Há muitas Marias nessa Maria.



Seguimos nos preparando para dança, movimentando os quadris, explorando direções e formas, nas batidas laterais, nos acentos verticais, nos tremidos, deslocando, girando, caminhando, experimentando e descobrindo as possibilidades de movimentos dessa complexa estrutura feminina ao som dos ritmos e instrumentos percussivos árabes. Maria sorri e mostra ginga, atenta aos corpos que a rodeia. Corpos que se soltam, que se encontram, se conversam, se esbarram e se afastam brincando, se agenciam em movimento. O sentimento de alegria se expande pela sala.

Vamos aos movimentos ondulatórios, sinuosos redondos, oitos, ondulações de ventre, encontrando direções e deslocamentos diversos em cada possibilidade. Leveza, delicadeza, introspecção, concentração, sensualidade, feminilidade. Maria se desajeita, se enrijece, olha para os lados, percebe o grupo mais atento e não desiste. Segue no desafio de experimentar seu corpo de mulher nos passos que convocam o feminino a pulsar.

Caminho pelo grupo procurando por processos a serem mediados e facilitados. Percebo Maria tensa. Toco em seu quadril e juntas desenhamos os oitos com nossos corpos. Ao soltar as mãos, tranquilamente seu quadril segue dançando, explorando as direções propostas. É imediato o brilho que toma conta de seus olhos, o sorriso largo volta a aparecer no rosto sofrido.



Maria está com os filhos num abrigo para mulheres vítimas de violência doméstica. Em seu acolhimento, feito antes de entrar no grupo, relatou não poder dar seu endereço. Regra dos abrigos que hospedam mulheres que passaram junto a seus filhos por situações inúmeras de violência com seus parceiros.

Voltando ao grupo, antes de finalizar nosso encontro, proponho um momento de improviso. Ouvir a música, experimentando os movimentos explorados, deixando o corpo conduzir para as direções que sentir, que desejar. Conectar-se, arriscar-se. Maria não hesita. Fecha os olhos e dança. Sorri, gira, solta os braços, ora desengonçada e enrijecida, ora precisa com seu largo quadril marcando os ritmos árabes, com ginga e discreta feminilidade que já acena em cena.



Ao final nos apresentamos novamente para que Maria conheça as outras frequentadoras. Ao se apresentar diz: “Meu nome é Maria. Maria das Dores. Soube daqui pelo SOS Mulher. Estou desempregada e preciso fazer alguma coisa. Alguma coisa por mim. Alguma coisa que me afaste de tanto sofrimento”.

Maria passa assim, a frequentar regularmente o grupo de dança. Poucos meses depois, recebemos o convite para nos apresentar numa Mostra de Práticas de Saúde Mental, organizada pelo Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira. Juntamos os dois grupos de dança do Ceco, e começamos os ensaios de uma pequena sequência coreográfica seguida de um momento de improviso coletivo.

Em nosso último ensaio, ao final do encontro, Maria se dá conta que não tem figurino para se apresentar. Havia faltado no ensaio anterior onde combinamos de experimentar e criar figurinos para apresentação. Rapidamente pego as peças que não foram escolhidas, um tanto preocupada, pois eram pequenas e não pareciam compor entre si.

O grupo estava agitado acertando os últimos combinados para chegar ao evento no horário combinado. No canto da sala, Maria olha os figurinos entristecida. Pergunto se gostou de algo, e a mesma responde que acha que não dará certo, pois são pequenos, e assim prefere dançar em outra ocasião. Rapidamente algumas mulheres se aproximam e começam a ajudá-la com as peças, começam a vesti-la, tiram, colocam, criam, aparecem com linha e agulha e de repente Maria está vestida, com seu figurino árabe pronto. Peço para que se veja no espelho e novamente seu largo sorriso toma conta. Está lindamente vestida para dançar. Diz timidamente, com os olhos emocionados “Nunca me vi assim, tão bonita”.



São dessas produções que queremos dar língua. Produções que conectam os sujeitos ao plano da subjetivação, ao plano da produção que é plano do coletivo. Entendendo aqui, como nos sugere Barros e Passos, coletivo não como soma de indivíduos, ou resultado de um contrato que os indivíduos fazem entre si. Coletivo enquanto multidão, composição potencialmente ilimitada de seres tomados na proliferação das forças. Coletivo enquanto plano de produção que experimenta todo o tempo a diferenciação. Não há no coletivo propriedade particular, personalidades, nada que seja privado, e sim forças disponíveis a serem experimentadas.



A experiência clínica enquanto devolução do sujeito ao plano da produção, em experimentação no plano coletivo, em experimentação pública. Desestabilizando formas e forças instituídas, capturadas por realidades dadas e naturalizadas.

Pensar a clínica enquanto abertura para produção de outras sensibilidades. Encontros como esse no Centro de Convivência carregam essa tônica, momentos quase fugazes que se eternizam na descoberta de outras conexões possíveis. Estar sensível a formas outras de estar e se apresentar ao mundo, atentos ao próprio pulso vital, construindo singularidades resistentes aos ataques e modelos sociais, que restringem as potências e a produção de realidades criativas e pulsantes de vida. (Lieberman, 2008, p. 99)

Clínica sensível, gentil, que se apresenta à espreita, ampliando discretamente, a conectividade dos encontros, expandindo, aumentando superfícies de contato ao vivido, facilitando exposições às afecções, aos acontecimentos. Uma clínica que dança, se movimenta, agenciando respostas outras diante dos efeitos dominantes em subjetividades capitalísticas.



Referências

COSTA-ROSA, Abílio; LUZIO, Cristina Amélia; YASUI, Silvio. Atenção Psicossocial: Rumo a um Novo Paradigma da Saúde Mental Coletiva. In: AMARANTE, Paulo (Org.). *Archivos de Saúde Mental e Atenção Psicossocial*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2003.

ESCÓSSIA, Liliana. KASTRUP, Virgínia. PASSOS, Eduardo. (Org.). *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

GALLETTI, Maria Cecília. *Oficina em Saúde Mental: Instrumento Terapêutico ou Intercessor Clínico?* Goiânia: Ed. da UCG, 2004.

_____. *Itinerários de um Serviço de Saúde Mental na Cidade de São Paulo: Trajetórias de uma Saúde Poética*. Tese (Doutorado, Psicologia Clínica). São Paulo: PUC/SP, 2007.

LIBERMAN, Flavia. *Delicadas coreografias: Instantâneos de uma terapia ocupacional*. São Paulo: Editora Summus, 2008.

LIMA, Elizabeth Araújo. *Arte, Clínica e Loucura: território em mutação*. São Paulo: Editora Summus: FAPESP, 2009.

_____. Por uma arte menor: ressonâncias entre arte, clínica e loucura na contemporaneidade. São Paulo: *Revista Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, v. 1, n. 20, p. 317-29, jul./dez. 2006.

YASUI, Silvio. *Rupturas e Encontros: desafios da Reforma Psiquiátrica brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.